

Se deus me chamar não vou: um olhar para as emoções da infância e da adolescência

Se deus me chamar não vou: *a look at the emotions of childhood and adolescence*

Se deus me chamar não vou: *una mirada a las emociones de la infancia y la adolescencia*

Leonardo Eustáquio S. da Silva¹

<https://orcid.org/0000-0001-8979-4529>

Daiane Aparecida A. de Oliveira²

<https://orcid.org/0000-0002-5836-0880>

¹ Colégio CIMAN, Brasília, Distrito Federal – Brasil. E-mail: leoeustaquio@gmail.com.

² Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal – Brasil. E-mail: daiane.aao@gmail.com.

Resumo

Este trabalho caracteriza-se como uma resenha do livro intitulado "Se deus me chamar não vou", da escritora Mariana Salomão Carrara (2019). Temos por objetivo realizar uma resenha crítica e reflexiva, destinada a professores e educadores da Educação Básica, especialmente aqueles que atuam com o Ensino Fundamental. Os principais pontos que nortearam as nossas reflexões foram dilemas, dúvidas, medos e outros sentimentos (demonstrados ou não) pela personagem principal do livro, que se assemelha à realidade de pré-adolescentes em idade escolar da contemporaneidade, cujas discussões nos conduzem à necessidade de ouvir e debater o sentido da vida e respeitar as diferentes emoções em sala de aula – fato importante para que se cumpram os objetivos gerais da Base Nacional Comum Curricular e engendrar o exercício do acolhimento e do diálogo entre as pessoas. As discussões realizadas entre a produção literária e a educação, em seu viés emocional, nos permitem ressaltar a importância de os educadores ampliarem o olhar e o cuidado com as emoções dos pré-adolescentes, que muitas vezes envolvem temas como a morte ou a solidão.

Palavras-chave: Educação. Emoções. Pré-adolescência. Sentido da vida. Sentimentos.

Abstract

This article is characterized as a review of the book Se Deus me Chamar não Vou , by Mariana Salomão Carrara (2019). We aim to perform a critical and reflective review for teachers and



educators of Basic Education, especially those who work with Elementary School. The main points that guided our reflections were dilemmas, doubts, fears, and other feelings (shown or not) by the main character in the book, which resembles the reality of pre-teens of contemporary school age, whose discussions lead us to the need to listen and discuss the meaning of life and respect the different emotions in the classroom – an important fact in order to meet the general objectives of the Base Nacional Curricular Comum (BNCC) and engender the exercise of welcoming and dialogue between people. The discussions held between the literary work and education in its emotional bias, allows us to emphasize the importance of educators to broaden the look and the care with the emotions of pre-adolescents, which is permeated with intense feelings, which often involves death or loneliness.

Keywords: Education. Emotions. Pre-adolescence. Meaning of Life. Feelings.

Resumen

Este trabajo se caracteriza por ser una reseña del libro titulado Se Deus me Chamar não Vou, de la escritora Mariana Salomão Carrara (2019). Pretendemos realizar una revisión crítica y reflexiva dirigida a los profesores y educadores de la Educación Básica, especialmente a los que trabajan con la Educación Primaria. Los puntos principales que guiaron nuestras reflexiones fueron los dilemas, las dudas, los miedos y otros sentimientos (mostrados o no) del personaje principal del libro que se asemejan a la realidad de los preadolescentes en edad escolar en la contemporaneidad, cuyas discusiones nos llevan a la necesidad de escuchar y debatir el sentido de la vida y respetar las diferentes emociones en el aula, hecho importante para cumplir los objetivos generales de la Base Nacional Curricular Comum brasileña y engendrar el ejercicio de la acogida y el diálogo entre las personas. Las discusiones mantenidas entre la obra literaria y la educación en su dimensión emocional nos permiten destacar la importancia de que los educadores amplíen la mirada y el cuidado con las emociones de los preadolescentes, que muchas veces implican temas como la muerte o la soledad.

Palabras Vlave: Educación. Emociones. Preadolescencia. Sentido de la Vida. Sentimientos.

Será que conhecemos os sentimentos dos nossos estudantes de 11 anos? Ou será que as nossas suposições estão longe da realidade emocional deles? Compreendemos como as vivências cotidianas afetam as pessoas e as estratégias que cada uma emprega para lidar com determinados sentimentos? Conseguimos recordar nossos sentimentos de quando tínhamos 11 anos? A analogia utilizada pela personagem principal do referido livro é que um lápis pode parecer novo e estar totalmente quebrado por dentro, assim como uma menina de 11 anos pode, igualmente, parecer ser muito nova, mas, por dentro, se sentir desamparada e sozinha.

Em "Se deus me chamar não vou", Mariana Carrara (2019) revisita sua infância e pré-adolescência para nos presentear com reflexões incríveis. O livro é oriundo dos escritos registrados

por ela mesma em sua pré-adolescência. Escrito em primeira pessoa, a obra apresenta Maria Carmem, que passa a escrever um diário depois de ouvir da professora elogios quanto a sua escrita. Esse livro é um convite a pensarmos, enquanto adultos, sobre as angústias, sofrimentos, felicidades, vazio interior, medos e descobertas dessa fase da vida – revisitando o nosso passado e olhando atentamente aos pré-adolescentes do presente.

O título do livro tem uma forte relação com as emoções vivenciadas por Maria Carmem, a personagem principal, cuja teoria é que as pessoas morrem porque deus as chama, e que deus começa chamando por sussurros, falando baixinho para elas se entregarem à morte. Na lógica de Maria Carmem, alguns aceitam o chamado ainda nos sussurros e outros fingem não ouvir, por isso, em alguns casos, deus passar a chamar cada vez mais alto e as pessoas ao redor também começam a ouvir esse chamado, reparando que a pessoa está com seus dias contados e, com isso, sua morte está se aproximando – mesmo que ela tente fugir. Ao relacionar com a sua experiência, a menina acredita que ouviu sua avó sendo chamada, por isso, não se surpreendeu com a morte dela.

Maria Carmem mora com a mãe e o pai em cima da loja da família, que vende produtos para idosos ou, em sua interpretação, uma loja que vende *velhos desmontados*. A personagem é capaz de expor suas descobertas do mundo com uma clareza única. Seus afetos são, permanentemente, seguidos de angústias e preocupações futuras, muito diferente do que alguns adultos tendem a pensar: que nessa fase da vida não há preocupações – ledo engano. Escrevendo em seu diário sua vivência e desejo de ser uma escritora, Maria Carmem leva à tona um tema recorrente nos filhos únicos: a solidão. A personagem narra suas vivências de forma tão descritiva, com riqueza de detalhes, que os leitores mais empáticos serão levados aos próprios momentos de isolamento. “Acho que vem daí a palavra solidão, pessoas tão sólidas que ninguém vem checar se estão ruindo” (CARRARA, 2019, posição 1255, kindle). Às vezes, Maria Carmem era deixada com a avó para fazer companhia à viúva, mas seus pais não percebiam que a solidão também batia à porta da menina:

Antes de ficar doente, ela [a avó] era muito sozinha, daí algumas tardes minha mãe me enviava pra fazer companhia pra ela, mas na verdade eu fazia solidão. As duas ali no sofá, quase no escuro, competindo qual solidão conseguia alcançar o teto. Eu acho mesmo que as crianças podem ser mais sozinhas que as velhas. (CARRARA, 2019, posição 568, kindle).

Com uma escrita limpa e transparente em seus sentimentos, Maria Carmem coloca no papel uma visão inocente de uma recém pré-adolescente, com seus sofrimentos e alegrias, sempre regados por uma dose de humor, mesmo que seja para escapar às dores que passam em sua vida. Ainda que suave na forma de escrever, ela é capaz de passar profundidade nos seus sentimentos, sempre refletindo o presente e futuro de si mesma e daqueles que estão ao seu redor, reflexão que pode ampliar o olhar de muitos educadores, não somente daqueles que trabalham com pré-adolescentes, mas todos os que se ocupam da Educação Básica.

Enfrentando um momento de crise, Maria Carmem consegue perceber que ser uma escritora é um processo contínuo em sua vida. Não se nasce escritora, mas é possível se constituir enquanto ser humano capaz de observar o mundo ao seu redor e tudo o que se passa no seu interior, para então, colocar tudo no papel:

Minha professora falou que eu escrevo muito bem. Eu nem sabia que era possível escrever mal, pensava que ou se sabia escrever, ou não. Então ela me disse que um dia eu serei escritora, o que me deixou muito frustrada. Perguntei se isso queria dizer que eu não podia mais escrever até que eu fosse escritora. Ela ficou me olhando, no começo parecia distraída, depois pegou minha mão e, assim como se fosse uma de nós brincando de professora, falou, com grandes movimentos na boca, que muito pelo contrário, Maria Carmem! Que eu devia continuar praticando muito, muito mesmo, e só assim eu seria escritora. Talvez ser escritora não fosse só escrever, mas escrever muito bem. Ou pelo menos escrever muito, igual uma corredora. Não é porque de vez em quando eu corro atrás de um ônibus que eu sou corredora. (CARRARA, 2019, posição 106, kindle).

Um vazio no sentido da existência da vida toma conta de várias reflexões da personagem, remetendo à necessidade de uma ética do existencialismo, como se ela pedisse para compreender algum sentido para a vida. Com uma inocência irônica, Maria Carmem narra a vida pela sua perspectiva:

Outro desejo cotidiano meu, além da bisnaguinha e o achocolatado, é evitar que pessoas prefiram-que-eu-não-exista. Uma sensação que pode ser vaga, mas estaria bastante ligada ao fato de a minha existência impedir que elas vivam ou tenham algo que queiram muito (CARRARA, 2019, posição 1137, kindle).

A personagem expõe seus temores em uma ideia de não existência para deixar de atrapalhar as pessoas ao seu redor, como se sua presença como filha, por exemplo, pudesse atrapalhar a felicidade de seus pais. Seu temor em atrapalhar as pessoas pela sua simples presença remete ao desconhecimento do valor próprio e do reconhecimento do quanto a sua presença é, ao contrário, uma fonte de contribuição para as relações ao seu redor, seja na sala de aula, pela relação com seus professores, seja em sua família, na qual ocupa um papel importante na dinâmica da casa.

Ao analisarmos as preocupações de Maria Carmem em não atrapalhar o mundo ao seu redor pelo simples fato de estar viva, notamos que a maneira como o seu meio de vivência a afetou é singular. À luz da Teoria Histórico-Cultural de Vigotski¹ (1896-1934), compreendemos que as pessoas, em cada momento da vida, vivenciam o mundo de maneira única e irrepetível (VIGOTSKI, 2018b). Isso significa dizer que, mesmo que uma pessoa nasça e cresça em um mesmo núcleo familiar, ou ocupe a mesma sala de aula que outras, as marcas deixadas pelas vivências serão particulares.

A partir do pensador holandês Baruch Spinoza (1632-1677), compreendemos que um mesmo fenômeno pode afetar negativamente uma pessoa e positivamente outra (SPINOZA, 2017); as nossas experiências deixam marcas em nosso modo de existir e em nossa personalidade. Assim, entendemos que não há como evitar determinadas emoções, mas é preciso refletir sobre como podemos nos relacionar com elas.

Nesta necessidade de ser aceita pelo outro, a personagem narra muitos dos seus medos e suas tentativas em ser diferente, justamente para se sentir pertencente a algum grupo. Um exemplo claro dessa dinâmica é quando a jovem passa a se sentir acima do peso, não por analisar exames médicos ou a partir de um olhar preciso e consciente sobre si mesma, mas por conta do olhar avaliativo dos colegas em sua escola:

¹ O nome Vigotski tem sido transliterado de inúmeras formas no Brasil. Vigotski, Vygotski, Vigotsky, Vygotsky, entre outras. Optamos, durante o texto, em frases autorais, por trazer o nome do autor como Vigotski, com a letra i no início e no final do nome, como ele mesmo costumava assinar, principalmente fora da Rússia Soviética. Nas referências de obras, entretanto, o nome aparecerá de acordo como foi transliterado da língua russa pelo(a) tradutor(a) do trabalho.

Esse ano eu descobri que sou gorda. Ou pelo menos um pouco gorda. Nunca tinha verdadeiramente me dado conta disso, só ia pondo roupas largas e achava que desse jeito ninguém ia perceber, e não tinha importância. Só que eu fui fantasiada de Branca de Neve pra uma peça da escola, e um colega me disse que essa princesa estava muito gordinha. E dentuça. Descobri isso também, o problema com os dentes” (CARRARA, 2019, posição 152, kindle).

Ao construir uma consciência corporal baseada unicamente no olhar alheio, a pré-adolescente deixa de lado toda sua experiência, sentimentos e afetos para tentar agradar ao outro, se sentir aceita e realizada. Ao enfrentar esse vazio existencial tentando se encaixar no modelo já estabelecido pelos colegas de escola e sociedade, seja pelo controle do peso, forma de se vestir ou julgamento dos colegas em relação ao relacionamento dos pais, a personagem desvenda como estabelecemos as nossas relações com nós mesmos, passando necessariamente pelas relações com os outros que estão a nossa volta, com o nosso tempo e o próprio corpo.

No entanto, é preciso refletir sobre as relações que constituímos com os outros e com o meio ao nosso redor. Para Vygotski (1995), não nascemos humanos, é a partir da relação com outros seres humanos, culturalmente, que nos constituímos como tal. Apropriar-se da cultura e tornar-se humano não significa apenas reproduzir aquilo que está posto pelo outro, mas, principalmente, criar. Entendemos a criação, ou atividade criadora, como aquela: “[...] em que se cria algo novo. Pouco importa se o que se cria seja algum objeto do mundo externo ou uma construção da mente ou do sentimento, conhecida apenas pela pessoa em que essa construção habita ou se manifesta.” (VIGOTSKI, 2018a, p. 13).

A espécie humana não é apenas o produto de reações aos eventos internos e externos da vida, não estamos apenas dando respostas aos acontecimentos. Somos seres de potência, uma unidade afeto-intelectiva que vive o mundo e, além disso, sente-o. É necessário que uma autoconsciência seja desenvolvida para que, a partir disso, a liberdade diante das possibilidades que temos na vida, ainda que na pré-adolescência, seja propiciada, porque como afirma Vygotski (1995): “A liberdade humana consiste precisamente em pensar, quer dizer, em tomar consciência da situação criada” (VYGOTSKI, 1995, p. 288, tradução livre)².

² “*La libertad humana consiste precisamente en que piensa, es decir, en que toma conciencia de la situación creada.*” (VYGOTSKI, 1995, p. 288)

Em diferentes momentos, a personagem deixa nas entrelinhas um pensamento de autoextermínio, sempre mediado por metáforas que dão suavidade, mas deixam o leitor com a preocupação de como a história irá se desenrolar:

Então talvez tenha uma parte da gente que não se acostume, essa parte forte e funda que vem quando a gente dorme. E essa parte é que deve ser perigosa, eu imagino, é essa parte da gente que faz querer experimentar o guarda-chuva pela janela até lá embaixo, sem saber se ele vai descer flutuando devagar ou se vai terminar tudo de uma vez, muito rápido, muito forte. Essa parte que não se acostuma. (CARRARA, 2019, posição 799, kindle).

Maria Carmem usa uma figura de linguagem para expressar seus sentimentos de dúvidas quanto a sua vida: será que seu eu pular pela janela segurando um guarda-chuva ele vai segurar meu corpo como um paraquedas? Ou irá ceder ao peso e acabar com a minha existência? A personagem se questiona muitas vezes, com outras expressões, se a vida dela vale a pena. Se deve continuar vivendo ou acabar logo com os sentimentos angustiantes vivenciados em seus dias.

Os seres humanos, ao estarem inseridos em meios com outros, na cultura, são seres sociais, como aponta Vygotski (1996). Uma vez inseridos nas práticas sociais de seu tempo, não há como escapar dessa equação. Assim, ao humano cabe experienciar o mundo com outras pessoas, de modo a se constituírem humanos de maneira colaborativa, vivenciando as suas singularidades em coletividade, apropriando-se das culturas, conhecimentos, afetos construídos histórica e socialmente. Todos os indivíduos estão mergulhados no mundo e nele vão se desenvolvendo, mas é necessário que esse desenvolvimento seja baseado em reflexões e criações próprias, não somente aceitando o mundo como está posto. A reflexão é contínua, assim como a própria vida.

Ao final do livro, Maria Carmem tem uma conversa franca com a sua mãe, e expõe os seus sentimentos, angústias, o vazio e a sensação de solidão. Os seus pais, até então, não haviam percebido a maneira como a menina vinha se relacionando com o mundo; isso somente foi possível a partir dessa conversa, que possibilitou que a menina pudesse abrir portas para se conhecer mais, perceber um pouco mais de si e dar sentido a sua vida, modificando a maneira como se relaciona consigo e com as outras pessoas.

Nesse sentido, fazemos um convite: ampliar os espaços educativos escolares para que as pessoas possam, a partir do diálogo da relação com o outro, refletir sobre o seu papel social e

singular para encontrar sentido em sua vida a partir de relações genuínas, sem apenas responder aos supostos desejos dos colegas de turma. Buscando, além disso, relações mais respeitadas e potencializadoras.

1 “Se deus me chamar não vou” e a educação

Diante do enredo e da reflexão que o livro provoca, podemos nos perguntar como estão os nossos jovens e como eles estão se constituindo como seres humanos dentro de nossas escolas. Temos ambientes e condições saudáveis para que crianças e adolescentes possam conhecer a si mesmos com um olhar de autoestima, consciente e constituído sobre relações sociais potencializadoras? Quais valores temos como norteadores da vida humana hoje? Desejamos tê-los? Interessa-nos estar alinhados com os desejos da alma ou do mundo? Como podemos conciliar os muitos desdobramentos do *eu* com as imposições do mundo material e seus próprios valores, sedutores e instigantes?

Muitas vezes, as emoções são invisibilizadas nos processos educativos, como se pudéssemos desgrudá-las do desenvolvimento intelectual. No entanto, a todo momento sentimentos nos atravessam, por isso é preciso dar espaço para que eles façam parte dos espaços educativos e sejam acolhidos, sendo positivos ou negativos. Nesse sentido, consideramos razoável que os educadores estejam atentos àquilo que os estudantes compartilham sobre as suas emoções e trabalhem com eles para que se possa dar continuidade a uma vida saudável e baseada na diversidade humana, acolhendo “e valorizando a diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.” (BRASIL, 2018).

É possível transpor aos educadores a reflexão quanto ao diálogo sobre as emoções no momento da pré-adolescência e em outros momentos da vida escolar desde a infância, sobre os sentimentos de solidão, abandono e, também, sobre a morte – um fenômeno natural da vida, mas que é repleto de tabus. Visibilizar as emoções e os sentimentos dos estudantes é ação escolar pautada nos objetivos gerais da Base Nacional Comum Curricular, especialmente na oitava competência: “Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-

se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.” (BRASIL, 2018).

Por se tratar de uma competência geral, ressaltamos que seu resgate não se restringe somente à fase da vida tomada como ponto de discussão no livro, mas que poderá pontuar-se ao longo de toda a Educação Básica; além disso, não deve ser um trabalho restrito somente a determinadas áreas do conhecimento. Deseja-se que possam acontecer em todo o espaço escolar, em todos os momentos, a atenção, a escuta e o cuidado com as emoções das pessoas envolvidas nos processos educativos.

No mundo contemporâneo, a educação precisa ser voltada não para a transmissão de conteúdos, mas para o desenvolvimento integral, com espaços educativos que aguçam a autoconsciência e autoconhecimento. Ainda que os educadores encontrem desafios para lidar com determinadas expressões emocionais dos estudantes, é necessário possibilitar espaços de acolhimento para a partilha de emoções, sentimentos e desenvolvimento do autoconhecimento, de modo que, a partir do exercício de colaboração, as pessoas possam contar umas com as outras, minimizando os sentimentos de solidão, angústias e potencializando as descobertas da fase da vida em que estão, ampliando o bem-estar e fortalecendo vínculos afetivos. Foi dessa maneira, a partir da relação com sua mãe, que Maria Carmem encontrou uma nova maneira de ver a vida, e pode ser que, na escola, no diálogo com colegas e professores, também os estudantes encontrem o sentido para suas próprias vidas.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CARRARA, M. S. **Se deus me chamar não vou**. Editora Nós, 2019. Kindle.

SPINOZA, B. **Ética**. Bilíngue Latim-Português. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018a.

VIGOTSKI, L. S. **Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia**.

1. ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018b.

SILVA, L. E. S.; OLIVEIRA, D. A. A.

VYGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas III**. Madrid: Visor, 1995.

VYGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas IV**. Madrid: Visor, 1996.

Enviado em: 7/7/2022

Revisado em: 31/8/2022

Aprovado em: 1/9/2022